

Investigações poéticas e cocriação entre pensamento e vida

A proposta que hoje apresentamos aos leitores resulta de encontros virtuais operacionalizados pelos organizadores no complexo e desafiador ano de 2020. No ano passado um vírus nos obrigou a rever e a refazer rotinas e comportamentos. Sendo de fácil contaminação, num mundo hiper-inter-conectado, a detecção deste vírus em território chinês rapidamente instituiu ao planeta um estado pandêmico. Globalização? Enquanto milhares de pessoas perdem suas vidas, derivamos. Guerra biológica. *Fake News*. Desesperança. Crise sanitária que acentuou os efeitos da crise econômica que já havia chegado e se instalado sem hora para partir. Todo esse cenário nos produziu a devastadora sensação de insegurança, jogou lenha no caos político daqui, gerando um incêndio de proporções ainda desconhecidas. Queimou e fez fumaça de biomas inteiros. Espalhou cinzas por todos os cantos, espaços, dimensões que nos constituem. A necessidade de adotar medidas de isolamento social implicou de forma drástica nas nossas subjetificações. Fomos mergulhados em um misto de sentimentos sobre o outro, percebemos fragilidades em todas as nossas instituições. O produto? Esse descrédito profundamente compartilhado, embora tão difuso e diverso quanto seja possível nesta polarização multipolar que se chama Brasil. Enquanto *o Brazil vai matando o Brasil*, resistimos sem poder ocupar os nossos espaços comuns o que nos obrigou a desbravar *outros*.

Esse contexto de nova ordem social, enquanto imperativo de sobrevivência, nos forçou a alterar a usualidade da nossa resistência, sem sucumbi-la, passamos a apostar em novos valores, rotinas, lugares de si... Para manter uma luta por melhores condições de vida em comum, tivemos que utilizar mais do que nunca a tecnologia, as máquinas! Sim, as maquinarias aumentaram o âmbito de suas instalações entre nós. Desde que se introduziram em nossos ambientes privados há quatro décadas atrás, elas estão mais do que nunca presentes em nossas vidas, ditando nosso cotidiano, revisando as práticas que nos rodeiam. O isolamento, porém, trouxe mais uma dobra ao vínculo humano-máquina. O mote conectividade das empresas de tecnologia e de comunicação adquiriu novo sentido. Apenas através da rede veio a expectativa do encontro. Há o encontro! Esse tão fundamental. E nossa vida acadêmica e social, ambas passaram a depender exclusivamente das máquinas. *Lives, webinars, congressos online, aulas remotas, reuniões por*

aplicativo, comidas por tele-entrega, abraços à distância, comemorações em vídeo, tudo entre telas de computadores, *tablets*, celulares e *smartphones*.

Ânimos oscilantes diante da exaustiva tarefa de acordar, de crer na potência do dia. Parece que não, mas já é outro, dia. Parece que nos foi negado os mistérios da noite às insones de corpos que anseiam movimento, olhos que doem em *pixels* e mente ardentemente cansada. Mas ainda é nela que uma sabida teimosia envolve a criação. A luta é contínua e cavoca, descortina, busca as brechas de ar fresco para não sufocarmos nessas instalações confinadas. Criar é preciso. Nessa emergência chegamos até aqui, o ano findou. Um novo (ano) começa com profusão de afetos inéditos e por vezes, assustadores.

Nós pousados na fissura entre o cá e lá, percebemos que por ora estudar, pesquisar e escrever são mais do que nunca atos de resistência. Entre desconfortos, surpresas e vontade de encontro chegamos aqui, apresentando essa publicação a vocês. Escrever, também é encontrar e envolve uma disposição ao criar. Ato que precisa do pensar, do organizar conceitos brotados da terra e dos territórios que habitamos em nossas práticas profissionais, pesquisas e extensões acadêmicas, essas trilhas que formam nossos textos. Como pesquisadores, as experiências nas quais operamos nos interpelam enquanto sujeitos e coletivos que dividem comunidades de trabalho e de existência, cada uma delas com sua atmosfera de emergência e vitalidade. São nestas experiências de ação e investigação que colhemos imagens, expressões, ideias, palavras, e com elas criamos textualidades que se colocam entre pensamento e vida, arranjos que denominamos poéticas investigativas.

Nesse Dossiê intitulado: **Investigações poéticas e cocriação entre pensamento e vida**, ousamos reunir alguns artigos de pesquisadores de áreas diversas como a filosofia, a educação, a literatura, a saúde, compor com eles um tear de diferentes texturas. Teia que aposta em investigações científicas que compartilham um vetor, ainda que em seta desviante, na contramão de uma analítica da tradição. São abordagens que tomam outro rumo teórico e metodológico e provém de percursos interrogativos que se aliam ao novo no desdobrar de questões contemporâneas. Logo, a sugestão para criação deste dossiê surge da vontade de conectar diferentes temas e modos de pesquisar que implicam aqueles que analisam a processos singulares, diferentes e diferenciantes. Processos que, ao serem traduzidos em narrativas, ensaios e escritas borram a cientificidade dos dados e dos temas que desenvolvem, desfiguram o racional no poético. As poéticas funcionam na escrita como uma autorização a acessar as redes sensíveis,

flexíveis e dinâmicas, moventes que só se tornam possíveis de capturar porque há uma disposição para compor extra-sentidos que envolvem o tear pensamento e vida.

Nós organizadores, e os autores e as autoras que fazem parte desse Dossiê somos sensíveis ao conjunto de saberes que se colocam estrategicamente à margem dos saberes instituídos e dos poderes consolidados, questionando práticas colonialistas de pensamento. Práticas que historicamente sobrecodificaram populações, subjetivaram seus gostos, interesses, modos de vida, subjugarão outras imagens de mundo, diferentes narrativas de fundamento, segundo códigos e normativas tornadas impositivas que surtem das posições de poder ocupadas e mantidas forçosamente por uma tradição social e epistêmica.

As tecituras rígidas dessa tradição branca, masculina, europeia e cristã nos têm chegado desde os tempos da colonização e constantemente são atualizadas, manipuladas pelos interesses econômicos em vigência no favor de uma ordem capitalista mundial. Os movimentos de captura dessa engrenagem já não nos surpreendem em seu reinventar maneiras de impor um modo de pensar e viver para fins de manter a ordem social e seu horizonte como destino. Não por acaso, alguns pensadores e pensadoras dos quais nos aproximamos para fundar nossas pesquisas tenham apontando, desde o século passado, para o direcionamento forçoso das subjetividades que formam os coletivos sociais, mostrando através de estudos que separaram pensamento e linguagem, que toda interpretação arrazoada é uma interessada e endereçada.

Também não é por acaso que se instala uma crise da informação ou desinformação em nossos dias. Os estudos da linguagem e das pós-linguagem nos sugerem desconfiar desdobrando atenção aos signos, semiótica e semiologias que se disfarçam entre nós como boas verdades. São imagens implícitas, outras vezes explícitas, que favorecem um processo econômico que determina os lugares que as coisas e as pessoas devem ocupar dentro de uma dinâmica estrutural. Dinâmica que utiliza a padronização do saber e a idealização de necessidades de consumo, e, por meio desses processos subjetivos, desenvolve e instala em outras ordens materiais e imateriais, que manipulam a linguagem, a comunicação, a interpretação dos fatos, assim como dirigem e destinam o fluxo dos recursos humanos e monetários para educação e pesquisa.

Essa manipulação forja falsos interesses pelo bem comum, produz imagens, discursos e estratégias, culpabiliza as próprias vítimas pela crise-engrenagem da economia global, como se a causa da escassez do local fosse a incapacidade da nossa histórica origem para a promoção do bem-estar coletivo. Nesse sentido, é preciso subverter essa ordem, a ética e a estética das

verdades e das moralidades que ela representa. A diferença advém desta proposta como campo de disputa, de confronto e, mais do que tudo, de assombro. Romper com o centro, ocupando outras posições possíveis na estrutura, inclusive na universitária, abrindo as organizações institucionais a outros vínculos e modos de pertencê-las. Alguns filósofos e suas filosofias da diferença nos inspiram a convocar outros mundos possíveis, vivíveis, pois não há um modelo para se existir e viver.

Acreditamos que é possível articular outros modos de estar no ensino superior, de ocupá-lo e de pertencer a esse meio e de produzir estudos e pesquisas que tratem de temas desinvestidos, esquecidos, invisibilizados, ignorados pelas lógicas da economia e do capital. Queremos empoderar essas outras linguagens, menos racionalismo e mais poéticas, quando buscamos sair da centralidade de um método científico. Almejamos criar outros caminhos e percursos, metodologias que infundam a deriva de outras realidades e deem atenção a outras temáticas investigativas no meio acadêmico a que pertencemos.

A busca de um desfecho favorável para o presente, convoca-nos flexibilizar nesse meio as estruturas rígidas que o compõem, facilitar o trânsito entre criar (fazer) e pensar no adentrar o mundo da vida. É da vida que vem o espanto. Esse ainda não sabido que atrai as forças do chão ou as contingências que povoam a terra, energias e densidades de um território fluído que se desborda e nos transpassa, motivando-nos a convocar escritos, ensaios, narrativas, sobre processos e procedimentos de pesquisa cujas temáticas nos capturam.

A proposta que nos move diz ainda de um desacomodarmo-nos localizando nos autores que utilizamos forças que contribuam para lidarmos com o caos sociopolítico e econômico que instala entre nós o jogo de um destino fixo ao que acontece aos povos, grupos, comunidades, indivíduos, sujeitos. É preciso quebrar o jogo da representação e da identidade investindo em outro jogo, o da diferença e da singularidade. É preciso trocar a oposição pela composição, tomando por outros ângulos as imagens de pensamento que estão instaladas entre nós desde os primórdios da cultura ocidental herdada através do processo de colonização. É preciso fugir das armadilhas que esse processo arma ainda enganando-nos, através de comparações e reproduções mecânicas e estereotipadas que agem em nossa subjetividade e em nossas vontades e determinações. Reunindo alguns instantes daqui e dali podemos convocar mais que a abertura das telas, a suspensão do nelas se suspende, o acesso das pequenas percepções que surtem de um

estado de estar no mundo. Acessar essas pequenas diferenças, as variações e as mudanças que esse estado alerta pode provocar, nos acessa.

Desviar os fluxos do óbvio, selecionar as repetições desejadas, liberar os influxos ocultos que disfarçados ou calados desanimam nosso movimento constante de superação e de resistência. Devemos ainda não esquecer de esquecer, cortar, rasgar algumas representações sem repor nessa atenção à diferença, novos modos duros que restituem o real de um realismo absoluto e unilateral. A tarefa em nós e fora de nós é reflexiva e pós-reflexiva, diz do tirar o pensamento dos simulacros e das armadilhas das representações impostas pela tradição propondo a criação e recriação de outros simulacros e simulações do sentido. Fundar e repetir incidindo em diferenças e repetições, cujas maquinações permanecem vivas, flexíveis e interativas, composições que façam sentido as aproximações que se faz entre teoria e prática e vice-versa.

Investigar o para além do que é ser, envolve rever as noções de tempo e espaço que nos situam na atualidade, dando novo sentidos ao atual. As análises que trazemos por aqui, nos artigos que compõem esse dossiê, nos fazem considerar que os modos de pensar sobre os quais nos apoiamos, fundando nossas perspectivas, têm nos tornado experimentadores de ideias e filosofias, aventureiros que buscam dar corpo a questões e indagações racionais. Somos um grupo que busca o intempestivo do nosso tempo, as fissuras possíveis desse momento de confinamento, as forças criativas que brotaram das tocas que habitamos. Chamamos por aqui de investigações poéticas, diferentes modos de pesquisar que ao desdobrar as realidades vividas e experimentadas conseguem traduzir tais percursos em uma escrita que não foge a ser processo do sensível.

É com o gosto de conectar em um periódico científico diferentes experiências de pesquisa, problematizações, questionamentos, registros de processos que tratam de pessoas, grupos e seus diferentes modos de resistir, existir e criar, que trazemos para leitura esses sete artigos. O que encontramos ao longo desses textos que compõem este dossiê é um jogo de luz e sombra, de avanço, de recuo, de avanço novamente, diante de experiências poéticas com e em meio a múltiplas linguagens que circunscrevem experiências acadêmicas. Múltiplos também são os lugares de onde estes artigos são evocados: Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Brasília, Campinas e Valparaíso, no Chile. Georreferencialidades diversas. Múltiplas também são as áreas e as profissões que neles formam o diverso da cocriação: Educação, Arte, Ciência, Filosofia, Psicologia Social, Terapia Ocupacional e Saúde Coletiva.

O primeiro artigo com o título: **Visibilidades: poéticas de la resistencia en Valparaíso**, os autores Patricio Landaeta e Ari Jerrems (Universidad de Playa Ancha – UPA) trazem a temática das múltiplas intervenções artísticas que frutificaram dos intensos meses de revolta social ocorridos no Chile em 2019. No rastro dessas manifestações sociais compostas de corpos e vozes diversas a normalidade do contexto chileno foi alterada, na capital e em outras cidades, espaços sofreram mudanças. Traços dessas intervenções assentaram por ali novas bases de uma arquitetura social, uma série de interferências entendidas como poético-políticas se registraram em diferentes cidades, alterando o ritmo dessas urbanidades e a vida de seus habitantes. Escolhem Valparaíso, onde a repressão policial foi mais intensa, para realizar uma cartografia composta de três linhas para analisar o que resultou dessas intervenções ou poéticas-políticas nas paredes da cidade; nas performances de mulheres e novos slogans que desde lá ativam a vida chilena.

O segundo artigo/ensaio leva o título **Por que uma Zona de Investigações Poéticas?** Tem por autores Luciano Bedin Costa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), Cristiano Bedin da Costa, Marcos da Rocha Oliveira, Alexandre Sobral Loureiro Amorim, Eduardo Guedes Pacheco e Édio Raniére da Silva. Esse grupo forma um coletivo que quer tratar de algumas produções realizadas por esse conjunto de pesquisadores no decorrer de 2020. Trazem a noção de Zona Autônoma Temporária e junto a essa, outro modo de fazer política. Pensam a amizade e outras formas e configurações nas quais se produz a intimidade. Tais elementos formam pistas para pensar a noção de investigação poética em um contexto experimental de escrita na perspectiva de uma investigação poética.

O terceiro com título: **Rizoma e pós-estruturalismo: três apontamentos para possíveis usos na pesquisa em educação**, de autoria de Claudia Madruga Cunha (Universidade Federal do Paraná), possui uma abordagem mais conceitual. Ao realizar um percurso investigativo na filosofia deleuziana, traz apontamentos, alguns estudos realizados com a finalidade de facilitar a compreensão daqueles que pesquisam com a abordagem da diferença em outras áreas que não a filosofia, especialmente enfocando na educação. Ao traçar uma linha que desdobra o pensamento de Gilles Deleuze em momentos de sua obra, faz um desfolhar dos platôs que formam a proposta rizomática da obra desse autor, um antes e depois do encontro com Félix Guattari. Por fim, questiona se as pesquisas em educação ao se utilizarem dessa perspectiva filosófica e metodológica podem ser identificadas como práticas da diferença.

No quarto artigo, intitulado **Desarquivando um cineclube escolar: primeiras experimentações com cinema de arquivo**, de autoria de Wanessa Aparecida Souza Oliveira e Wenceslao Machado Oliveira Junior (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp), os autores conduzem narrativas relativas a uma potente experiência audiovisual realizada no contexto da educação pública, aproximando o fazer/olhar do cinema ao cotidiano educativo. Mostra uma escrita experimental que se fez entre uma professora da escola infantil e um professor da universidade, nessa se traça encontros que utiliza do cinema como arquivo para tratar de práticas e leituras na educação básica. Possui um toque de relato no estilo que se aproxima de conceitos do tipo: arquivo-descarte e filme-filmagem. O texto num conflui para questões éticas e estéticas que se relacionam a um modo de abordar a infância na linguagem do cinema.

O quinto artigo, intitulado **Zona de emergência de infâncias: um tempo, uma experiência e tantas vidas**, Renato Noguera e Luciana Alves (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ), problematiza situações de pesquisa que se dão na relação entre criança e adulto. A narrativa se esforça em compreender as emergências infantis que insurgem de circunstâncias vividas nos espaços das escolas públicas situadas na região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. As tensões infantis vividas nessa urbanidade periférica encontram atenção nas ações ligadas ao Coletivo Infâncias (UERJ-FEBF e UFRRJ) e ao núcleo de estudos e intervenções do grupo de pesquisa AFROSIN-UFRRJ, ambos ligados ao ensino superior. Entre blocos de sensação, devires, atravessamentos estéticos e *transindividualidades a relação pressuposta entre educação básica e ensino superior* convoca novos saberes, uma zona que experimenta as conexões advindas da aproximação entre esses dois níveis de ensino.

No sexto artigo temos as contribuições de Emília Carvalho Leitão Biato (Universidade de Brasília - UnB), e se intitula: **Mil saúdes por vir: arte e escritura na docência**. Esse reflete a docência na formação superior em saúde, provocada por ferramentas conceituais da filosofia de Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche, dentre outros. A análise propõe algumas prescrições sobre o conceito de saúde quando trata dos modos de ensinar e aprender nessa área. Desloca a saúde enquanto conceito balizado por um olhar biomédico, quando problematiza ações coletivas e de produção singular da vida. Quer compreender, a partir da noção derridiana de *acontecimento*, como novas composições sobre as práticas docentes e profissionais vão de fazendo na tentativa de aproximar arte e filosofia a uma didática em saúde.

No sétimo e último artigo, **Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana**, as autoras Bruna Moraes Battistelli e Luciana Rodrigues (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) provocam nosso olhar a partir do gênero feminino sobre cotidianos e as rotinas instaladas no meio acadêmico para uma análise da experiência docente. Tal ponderação na observação de determinados acontecimentos, se desenvolve com o viés interseccional, trazendo a tona abordagens decoloniais que subjazem as narrativas que estão por detrás da problemática educacional, a qual se tem composto relacionando o ensino e suas estratégias a temas que ignoram determinadas sensibilidades que as atravessam.

Esse conjunto de sete artigos reúne autores e autores que nos apresentam panoramas singulares que performatizam na escrita o cenário heterogêneo montado neste palco que habitamos. Fica, então, nossa aspiração para que estes sete textos em formato digital, para serem lidos em dispositivos eletrônicos, degustados através de máquinas, aparelhos que digerem e deglutem, possam ser apreciados e devolvidos ao mundo com as impressões digitais de suas leituras. Sim, os arquivos em pdf carregam impressões digitais.

Cláudia Madruga Cunha 

Luciano Bedin da Costa 

Eduardo Guedes Pacheco 

Comissão Organizadora

Curitiba - Porto Alegre, abril de 2021.